

## BEBÊ NO CAMINHO

A família, célula da sociedade, é o porto seguro do cidadão.

A estrutura, o equilíbrio e o ambiente psicológico da família são fatores determinantes para a formação do caráter e da personalidade do indivíduo.

1/6

Menino, na roça, onde nasci e fui criado, pelo menos até os oito anos de idade, só conhecia três fontes de luz: o sol, a lua e o candeeiro.

O fogão a lenha era o único meio de cozinhar e a água de beber pegava-se na fonte, a meia légua de distância, subindo ou descendo ladeiras com a lata d'água na cabeça, cuidando sempre para não ser picado por cobra, nem levar carreira de boi preto.

Ler e escrever, então, era privilégio de poucos.

A vida era difícil. Mas tudo funcionava a contento e a alegria esperançosa era o alimento da alma.



*Candeeiro*



Naquele universo de laboriosa rotina meu pai me ensinou lições perenes sobre o mundo e minha mãe me ensinou lições perenes sobre a vida.

Entre um e outro, sentia-me rei.

Preservados na memória estão: o cheiro forte da terra molhada pela chuva de verão, o banho de rio, o cocoricó do galo anunciando o nascer do dia, as noites enluaradas do sertão, o cavalo encilhado, o canto da juriti, a marcha inquieta da boiada mugindo, os violeiros, cantadores e tantos outros encantos da roça que dão sentido peculiar à vida.

Era feliz, embora não o soubesse!

Tanto é verdade que, quando, na mocidade, conheci "Meus Oitos Anos", aquele inebriante poema de Casimiro de Abreu, escrito em 1857, fiz do mesmo símbolo literário dos meus mais sublimes sentimentos.

### *Meus Oito Anos*

*Oh! Que saudades que tenho  
Da aurora da minha vida,  
Da minha infância querida  
Que os anos não trazem mais!  
Que amor, que sonhos, que flores,  
Naquelas tardes fagueiras  
À sombra das bananeiras,  
Debaixo dos laranjais!*

*Como são belos os dias  
Do despontar da existência!  
- Respira a alma inocência  
Como perfumes a flor;  
O mar é - lago sereno,  
O céu - um manto azulado,  
O mundo - um sonho dourado,  
A vida - um hino d'amor!*

*Que auroras, que sol, que vida,  
Que noites de melodia  
Naquela doce alegria,  
Naquele ingênuo folgar!  
O céu bordado d'estrelas,  
A terra de aromas cheia,  
As ondas beijando a areia  
E a lua beijando o mar!*

*Oh! dias da minha infância!  
Oh! meu céu de primavera!  
Que doce a vida não era*

*Nessa risonha manhã.  
Em vez das mágoas de agora,  
Eu tinha nessas delícias  
De minha mãe as carícias  
E beijos de minha irmã!*

*Livre filho das montanhas,  
Eu ia bem satisfeito,  
De camisa aberto ao peito,  
- Pés descalços, braços nus -  
Correndo pelas campinas  
À roda das cachoeiras,  
Atrás das asas ligeiras  
Das borboletas azuis!*

*Naqueles tempos ditosos  
Ia colher as pitangas,  
Trepava a tirar as mangas,  
Brincava à beira do mar;  
Rezava às Ave-Marias,  
Achava o céu sempre lindo,  
Adormecia sorrindo  
E despertava a cantar!*

*Oh! Que saudades que tenho  
Da aurora da minha vida,  
Da minha infância querida  
Que os anos não trazem mais!  
Que amor, que sonhos, que flores,  
Naquelas tardes fagueiras  
À sombra das bananeiras,  
Debaixo dos laranjais!*

Pouco depois, já no exílio, sem pátria, sem família e sem futuro, sob os efeitos traumáticos da loucura iluminada da juventude, foi o poema "Deram um Fuzil ao Menino", do baiano Firmino Rocha, que me fez companhia nas noites frias e solitárias de além-mar.

### **DERAM UM FUZIL AO MENINO**

*Adeus luares de Maio.  
Adeus tranças de Maria.  
Nunca mais a inocência,  
nunca mais a alegria,  
nunca mais a grande música  
no coração do menino.  
Agora é o tambor da morte  
rufando nos campos negros.  
Agora são os pés violentos  
ferindo a terra bendita.  
A cantiga, onde ficou a cantiga?  
No caderno de números,  
o verso ficou sozinho.  
Adeus ribeirinhos dourados.  
Adeus estrelas tangíveis.  
Adeus tudo que é de Deus.  
DERAM UM FUZIL AO MENINO*

**Firmino Rocha**

Aqueles dois extremos da caminhada existencial galvanizaram-me o caráter e fizeram-me apto para novas e possíveis utopias em defesa da vida e das liberdades.

Foi assim naquela noite inesquecível de 15 de abril de 1975, quando saí para celebrar o recebimento da faixa dos 23 anos de idade e a mão do destino me surpreendeu com uma bênção.

Retornando dos comes e bebes natalícios, eram 22 h quando passava pelo Largo de Nazaré (Salvador) e avistei duas mulheres sentadas no chão, bem em frente a um hospital ali existente na época, em evidente sofreguidão.

Estacionei, desci e passei a inteirar-me da situação.

Tratava-se de mãe/Maria (51) e filha/Dolores (26), esta na 38ª semana de gestação, contorcendo-se em dores, apoiada no colo da mãe aflita, à mercê da sorte.

Com visíveis sinais de que a qualquer instante entraria em trabalho de parto a gestante foi ignorada pelo hospital, sem atendimento, por não ser vinculada ao então INPS-Instituto Nacional de Previdência Social.

Eis porque as duas mulheres estavam naquela contingência, sem forças, sem coragem e sem esperança.

Inteirado dos fatos, sem perda de tempo, com o assentimento de ambas, decidi levá-las a outro hospital, na Barra, o 2º, onde eu próprio tinha bom trânsito, ou pensava que tinha.

A despeito da minha "influência", não consegui que a gestante fosse ali atendida por não ser a mesma segurada da Previdência Social.

Tempo passando, dores do corpo e da alma piorando, rumei, então, para outro hospital, também na Barra, o 3º, onde se deu a mesma recusa com a mesma justificativa.

Ainda sereno, segui para outra unidade hospitalar, em Brotas, a 4ª, onde ouvi outra negativa por igual motivo.

Não é despiciendo dizer que, acomodadas no banco traseiro do possante fusquinha, verde claro, modelo 1963, placa do Rio de Janeiro, meu xodó, mãe, filha e feto resistiam bravamente, sem reclamar, ante minhas desesperadas tentativas de encontrar uma porta aberta e alguém com a mão estendida.

Entrementes, dizia reiteradamente a gestante, articulando as palavras com dificuldade: — "Moço, se meu filho for um menino, terá o seu nome, Jorge!"

Foram momentos de intensa emoção vivenciados naquela noite marcante dos meus 23 anos de vida.

Mas perseverar e acreditar nos desígnios da Espiritualidade Superior são estímulos morais que também assimilei no berço familiar.

Ali, ouvia sempre a assertiva de Albert Einstein: "Deus não escolhe os capacitados, Ele capacita os escolhidos".

O 5º destino daquela peregrinação noturna foi um Centro de Saúde da Mulher, em Nazaré, onde também não houve atendimento, por falta de leito, apesar da excelente recepção.

Seguimos, então, em direção à Península Itapagipana na expectativa de atendimento em outro hospital da região, o 6º, o que de igual modo não aconteceu por razões burocráticas. Ali, imaginando que a gestante fosse minha esposa, disse-me o cordato diretor com convicção messiânica: — "Rapaz, leve sua mulher para a Maternidade Tsylla Balbino, na Baixa de Quintas. Lá ela será atendida e muito bem atendida!"

Reanimado, não hesitei e segui imediatamente rumo àquela Casa de saúde, 7ª tentativa.

Quis o destino, porém, que tudo se consumasse no meio do caminho e que o tão esperado bebê ali mesmo fosse acolhido.

Assim, mais ou menos às 2:00 horas da madrugada do dia 16, quando passávamos no Largo de Roma, ouvi a voz já fragilizada da gestante: — "Moço, não aguento mais!!"

Naquele momento, não tive dúvida, nem me faltou coragem.

Estacionei imediatamente e disse-lhe: se prepare, eu mesmo vou fazer esse parto.

Boêmio de carteirinha, tinha sempre um lenço branco no bolso, toalhinha de rosto e uma garrafa de conhaque Domecq no bagageiro, que foram úteis na assepsia geral

Em meio aos "preparativos", indagou a extremada mãe da parturiente:

- E você sabe fazer isso, meu filho?!
- Não, não sei! Mas vou aprender agora! Afinal, "Deus não escolhe os capacitados, Ele capacita os escolhidos"!!
- Que assim seja!! — disse ela, com fé e leveza na alma.

Invocando espíritos de luz, todos os esforços e cuidados foram adotados e em 3/4 de hora veio ao mundo uma linda menina, 50 cm, pesando 3 Kg, esbanjando saúde, para a alegria de todos nós.

Com a nova mamãe segurando nos braços seu bebê, seguimos para a Maternidade, onde fomos recebidos com louvor.

6/6

A internação de mãe e filha foi, de fato, imediata, com todos os cuidados inerentes, permanecendo ambas em observação por 48 horas, vindo em seguida a alta médica e hospitalar.

Tudo terminou bem.

Seis meses depois, numa bela cerimônia matinal, a menina foi levada à pia-batismal por este cronista, onde recebeu o nome Maria Jorge ...

**Jorge Freitas**  
cronista



**Jorge Freitas**  
**in Prosas & Reflexões**  
ilustração e formatação: Leticia Moreira

**Primavera/2021.**